

# A QUESTÃO DO TRABALHO JUVENIL NA OBRA DA LEGIÃO URBANA: UM DEBATE ENTRE HISTÓRIA, MÚSICA E INDÚSTRIA FONOGRAFICA.

GUSTAVO DOS SANTOS PRADO <sup>1</sup>

## 1. Introdução

O uso da música como fonte histórica vem sendo potencializado devido às novas formas de abordagem surgidas no bojo da interpretação histórica. Logo, esse tipo de fonte, passa por um amplo processo de discussão, sendo seu uso cada vez mais frequente<sup>2</sup>, no qual o caráter interpretativo da letra, conduz, a novas formas de abordagem e saberes, contribuindo para o progresso historiográfico. Inerentemente, a partir do momento em que assumimos essa perspectiva, as dificuldades são um processo natural de uma reflexão maior, no qual afirmamos a postura de desvendar aquilo que a sociedade passa, em um amplo leque de transformações, sendo a música um espelho ou representação da realidade social:

A música fala ao mesmo tempo no horizonte da sociedade e ao vértice subjetivo de cada um, sem se deixar reduzir as outras linguagens. Esse limiar está fora e dentro da história. A música ensaia e antecipa aquelas transformações que estão se dando, que vão se dar, ou que deveriam se dar na sociedade. (WISNIK, 1989, p.12)

Nesse caso, a música está emaranhada, diluída, fragmentada e contínua no social. Doravante, os sujeitos possuem a capacidade não somente de ouvir, mas de criar e recriar os sons produzidos, de acordo com a sua subjetividade. Em outras palavras, as diversas formas de abordagem existentes no que tange a música, são reflexos das transformações que a mesma passa dentro do campo da cultura, marcada por uma série de lutas, contradições e conflitos, onde “O povo versus o bloco de poder é a linha central da contradição que polariza o terreno da cultura” (Hall, 2003, p.262). Permeados por esse campo, ao ouvir as notas em sintonia com a voz, os sujeitos possuem a capacidade de criar e utilizar a música como forma de resistência; uma reflexão para os seus dilemas existenciais. “O público tem inteligência: ele escuta a Legião sem jabá. O

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ASSIS), Especialista em Ensino de Geografia pela UEL (Universidade Estadual de Londrina), Mestrando em História na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e bolsista CAPES.

<sup>2</sup> Como afirma Brito (2007, 213) letras, músicas, performances, diferentes contextos de execução, co-autoria atribuída à canção pelo intérprete, tudo passa a interessar ao historiador que toma o universo musical com expressão cultural de um tempo, o que nos coloca, inevitavelmente, com outras áreas de estudo.

mais importante é o artista fazer as coisas que ele respeita. Aí as pessoas passam a respeitar. (RUSSO, 1988)”<sup>3</sup>

Refletindo as palavras do principal expoente da Legião Urbana, entraremos em um leque de discussões maiores. Baseado no princípio de que a música faz parte do campo da cultura, permeados pelas contradições supracitadas, esse trabalho visa analisar a reflexão feita pela Legião Urbana, justamente em uma parte específica da cultura, na qual a polarização se dá de

forma bem evidenciada: o mundo do trabalho<sup>4</sup>, dando ênfase ao impacto do mesmo, sobre a juventude dos anos 80 e 90<sup>5</sup>. Para tanto, levaremos em consideração a perspectiva geracional. Além disso, a escolha do mesmo perpassa pelas nossas pretensões futuras, ou seja, o diálogo entre música e indústria fonográfica, chamando a atenção para nos atermos a primeira como fonte histórica, mais do que produto refletido pela genialidade dessa ramificação da indústria cultural. Ademais, “o mundo do trabalho é uma dimensão privilegiada para aprender a crise e a mutação das referências culturais entre os jovens”. (BAJOIT e FRANSSEN, 1997, p.76).

Ao nos debruçarmos sobre algumas abordagens sobre a vida e obra da Legião Urbana, bem como de Renato Russo, vejo uma tendência exacerbada em colocar a banda em uma perspectiva elitista.<sup>6</sup> Nessa mesma linha, porém com outros referenciais teóricos e metodológicos, nos deparamos com esse tipo de afirmativa:

---

<sup>3</sup> In Assad (2000, p. 200)

<sup>4</sup> Ao falarmos do mundo do trabalho associado à cultura estamos refletindo com as proposições de Thompson (1998, p. 22-23) onde não podemos esquecer que a “cultura” é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidado os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração (...). Como o capitalismo recriou a natureza humana e as necessidades humanas, a economia política e seu antagonismo revolucionário passaram a supor que esse homem econômico fosse eterno. Vivemos em um fim de século em que essa ideia tem que ser posta em dúvida”.

<sup>5</sup> Refletiremos sobre o mundo do trabalho relacionado ao universo juvenil, derivativo dos processos de identificação entre a banda e o público jovem, durante o período exposto. Doravante, sabemos que o universo musical e o ato da recepção, é muito mais amplo, plural, carregado de contradições e rupturas. Como afirma Zumthor (2000, p. 61) “a recepção se produz em circunstância psíquica privilegiada ,na qual o sujeito encontra a obra de forma indizivelmente pessoal”. Consequentemente, associamos a música e suas temáticas envolvendo o mundo do trabalho no universo juvenil, tendo em mente que tais letras enunciadoras de sentido, podem influenciar uma infinidade de sujeitos e circunstâncias.

<sup>6</sup> Tal afirmação nem se dá pelo fato de que seus integrantes, como Renato Russo, serem oriundos da classe média alta. Há aqui simbologias de maior amplitude, que seria justamente a influência do mercado fonográfico, em suas dimensões materiais e simbólicas. O movimento roqueiro dos anos 80,

Por mais que suas raízes ideológicas demonstrem ruptura, autenticidade e liberdade, o rock é um produto da indústria cultural, que adquire notoriedade e é difundido pelo mercado, onde (...) os heróis dessa versão da história, não são os músicos, mais sim os empreendedores. (BRANDINI, 2004, p.62-63) (*grifo nosso*)

Ora, é inegável a influência do mercado fonográfico sobre o movimento musical, mais colocar as ramificações da indústria fonográfica, chamando de heróis seus empreendedores, e no mínimo tendencioso. Há de se pressupor, que quando vamos trabalhar em uma perspectiva histórica, temos que analisar as circunstâncias que fizeram tal movimento ser fecundo, passando por seu contexto histórico específico, com suas ideologias, problemáticas, novidades e experiências. Reduzir a história a heróis, com certeza, não é o caminho que os historiadores do tempo presente procuram trilhar atualmente.<sup>7</sup> Em suma, se ficarmos restritos somente a influência do mercado fonográfico, que busca seu lucro em detrimento da subjetividade e tensões experienciadas pelos sujeitos em seu cotidiano, não conseguiremos explorar uma temática ou um grupo de temas, diluídos na obra da banda, pois nosso foco de análise não permitirá outras formas de interpretação. Ademais, o prisma elitista permanecerá enraizado nas interpretações de boa parte do movimento roqueiro nacional, emergente nos anos 80, incluindo nesse estratagema, a Legião Urbana.

Somado, nossas proposições são guiadas por outro norte. A obra da Legião Urbana é constituída de temas vastos e complexos, na qual não se abordam nas músicas somente os problemas existenciais de Renato Russo, ou da classe social que o mesmo emergiu. Logo, as canções trazem para a reflexão uma gama de temas políticos, amorosos, sociais, dentre vários outros, onde o mundo do trabalho se faz presente. Ao trazer essa temática à tona, estamos contribuindo para uma abertura maior de diálogo com aquilo

---

pelo menos até o momento, foi tratado como uma vertente de bastidores, demonstrando o potencial de produtores musicais e gravadoras. Essas interpretações possuem sua importância, mais não podemos ficar somente a elas. Se não introduzirmos novas formas de abordagem, não há menor possibilidade de reconhecer a riqueza cultural do movimento. Aqui, faço referência às obras de Dapieve (1995, 2000) e Alexandre (2002) onde ficam quase sempre restritos, a analisar tais fenômenos como mero reflexo da genialidade da indústria fonográfica e seus componentes. Em suma, fazem uma história “vista de cima”, embora tenham alguns lapsos, colocando a Legião Urbana como uma banda que traduz em música os problemas sociais vividos. Tal trabalho vai à contramão dessas proposições. No caso do primeiro citado, afirma ainda que são os historiadores que fazem uma história baseada em heróis.

<sup>7</sup> Devido a novas tendências da historiografia social, surgem trabalhos que procuram promover um processo de inflexão desse tipo de abordagem. Em sua maioria, são teses de mestrado, que possuem um caráter inovador, pois passam a dar outras formas de abordagem para a temática, enriquecendo o conhecimento sobre o movimento. Podemos citar, os trabalhos de Alves (2002), Encarnação (2009), Ramos (2010) dentre outros.

que a banda deixou para reflexão; logo sua música. Consequentemente, a partir do momento em que passamos a conduzir a análise histórica com novos horizontes, veremos que mesmo ficando ainda restritos a análise das músicas, existem significância e significados ainda não explorados dentro da obra da Legião Urbana: acreditamos que ao trazer o mundo do trabalho abordado nas letras da banda, estamos contribuindo teórica e metodologicamente com a própria relação entre história e música<sup>8</sup>. Como afirma Matos (2008), cabe destacar que a produção artística não é portadora de apenas uma significação - a que o artista quis imprimir-lhe-, mas de múltiplas que foram acumuladas nos usos, leituras e escutas impostas.

Para realizarmos uma abordagem sobre a visão que a Legião Urbana possui sobre o mundo do trabalho e seus impactos no cotidiano juvenil, necessitamos levar em consideração fatores estruturais e conjunturais de nosso recorte temático e temporal. Tendo como princípio o caráter representacional dos sons produzidos, o país nos anos 80, passou por um amplo leque de transformações e manifestações, no qual o rock não foi o único, mais um dos principais agentes de integração social, sendo que a juventude daqueles tempos, realizaram um diálogo com as letras cantadas, músicos e letristas. Nos anos referidos, “era bacana ser jovem, onde tudo parecia ser novidade, a cada momento surgia algo desafiador (...) onde a cultura pop, formou grandes sonhadores, gente que acredita ser possível intervir na sociedade”. (Op.cit, 2002, p.7-8). Logo “os sujeitos históricos que viveram os anos 80, apreenderam a atribuir novos significados as suas experiências cotidianas, conforme os modos de se lidar com elas exigido pelo momento vivido”.(Op, cit. 2010, p. 73). Logicamente, os jovens passaram a sofrer diversos tipos de influências, oriundas de uma interdependência do global/local, refletindo sua condição existencial. Em síntese, nessas reflexões permeia a questão do trabalho. Ao final do século XX “na mesma escala em que ocorre a globalização do capitalismo, verifica-se a globalização do mundo do trabalho. No âmbito da fábrica global, criada com a nova divisão internacional do trabalho e da produção, colocam-se novas formas e novos significados no mundo do trabalho” (IANNI, 1994, p.1)

---

<sup>8</sup> Ao refletir sobre o mundo do trabalho expresso na obra da banda, veremos que a mesma possui uma grande inclinação para o social. Esse tipo de abordagem nunca seria ou será abordado se nos atermos somente a referenciais biográficos ou interpretações que sobrepõe o mercado fonográfico acima de qualquer forma de talento, subjetividade ou música. Nessas perspectivas, a história não passa de um mero positivismo.

Logicamente, o trabalho no sistema capitalista, em sua maioria, imprimiu um processo de opressão daqueles que dependem do salário, na tentativa de conduzir suas vidas de forma mais digna, pois assistimos a uma intensificação da dispersão das forças produtivas compreendendo “o capital, a tecnologia, a força de trabalho, o planejamento e o mercado” (IANNI, 1998, p.75). Infelizmente, tal processo de aceleração do capital, provoca um total descaso do primeiro perante a classe trabalhadora, onde essa fica em estado de atenção devido à quantidade de preocupações oriundas de tal situação: trabalho temporário, exigência de qualificação, desemprego estrutural, dentre outras.

Esse quadro de ordem global, latente nos anos 80 e 90, que ainda permeia nosso meio atualmente, fragmentam a relação do sujeito com relação ao trabalho. Ainda, os anos referidos possuem problemas de ordem interna. Como afirma Rodrigues (1992, p. 66):

Vive-se um conflito entre uma sociedade urbana, moderna na aparência das leis, e antiga na condução política. Os políticos e os grupos sociais dominantes tratam a maioria dos brasileiros como não cidadãos. Estes, entre si, reproduzem em diferentes formas e intensidades a mesma postura, contribuindo para o adiamento da conquista da democracia plena.

Logo, os problemas catárticos pontuados pela autora, que em grande medida, são aplicados na interpretação de nossa contemporaneidade, constituem-se como reflexos de um país em relativa dependência econômica do império norte americano, atrelado às convulsões políticas do processo conjuntural, processual e de distensão dos militares no poder, conjuntamente com as peripécias econômicas da Nova República que se iniciará<sup>9</sup>, “promovendo nos jovens mudanças de comportamento social, introduzindo novas concepções de vida e de valores que tornaram possível a sociedade refletir sobre uma nova realidade histórica”. (BRANDÃO e DUARTE, 2004, p.9).

Em síntese, podemos encontrar nesses sujeitos históricos juvenis o valor de sua experiência<sup>10</sup>. Nesse círculo formado em torno do rock, a Legião Urbana, de várias bandas emergentes nesses anos, sintetizou em letras, posturas e idéias, as reflexões desses sujeitos jovens.<sup>11</sup> A banda ao longo de sua trajetória, abordou inúmeros temas,

---

<sup>9</sup> Mendonça e Fontes (2004, p.82-83) interpretam esse momento como a total falência econômica do Estado, gerando um dos grandes entraves para a economia nacional do período: a inflação, onde a busca de repesamentos temporários da mesma, sem mudanças no modelo distributivo, teve como consequência o agravamento do equilíbrio das contas públicas e redundou em efeitos perversos.

<sup>10</sup> Segundo Thompson ( 1981, p. 182) “os homens e as mulheres também retornam como sujeitos, dentro desse termo, mas como pessoas que experimentam suas relações produtivas, determinadas como necessidades e interesses como antagonismos e em seguida tratam essa experiência em sua consciência e cultura”.

<sup>11</sup> “Nós somos iguais aos jovens que ouvem a gente: sensíveis, inteligentes, rebeldes, de saco cheio

fazendo ecoá-los, em cada sujeito, promovendo uma discussão de vários problemas que assolavam o país, gerando em torno do cantor e letrista, Renato Russo, uma espécie de “messianismo”<sup>12</sup>.

Possuindo o quadro sobre as dificuldades dos anos 80 e 90, com ênfase a questão do trabalho em um mundo globalizado, as dificuldades socioeconômicas dos anos referidos e a emergência do movimento cultural da juventude em torno do rock, bem como da Legião Urbana, algumas questões tornam-se pertinentes: De que forma a banda abordava a questão do trabalho? Como o mesmo é constituído e representado? Será que existe nas letras um convite a resistência em direção aos excluídos que sofrem com as imposições do sistema capitalista? Em que medida, ao buscarmos diferenciações temáticas dentro das músicas da banda, contribuiremos para o diálogo entre história, música e indústria fonográfica? Tendo tais perguntas a priori, veremos como a banda abordou a questão do trabalho e finalmente, de que forma esse tipo de temática pode contribuir na reflexão da difícil relação da tríade supracitada.

## **2. A interpretação do trabalho nas músicas da Legião Urbana**

Como já foi pontuado, a Legião Urbana passou por um processo de identificação com sua geração. De certa forma, público e banda convergiram para os problemas de sua conjuntura, no qual há uma relação recíproca entre ambos:

Nosso dia vai chegar  
Teremos nossa vez  
Não é pedir demais:  
Quero justiça

Quero trabalhar em paz.  
Não é muito o que lhe peço  
Eu quero trabalho honesto  
Em vez de escravidão.

Deve haver algum lugar  
Onde o mais forte  
Não consegue escravizar  
Quem não tem chance.

De onde vem à indiferença  
Temperada a ferro e fogo?  
Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza  
E o que era verde aqui já não existe mais.

---

(RUSSO, 1987). In Op.cit (2000, p.129)

<sup>12</sup> Dapieve (2000, p.101)

Quem me dera acreditar  
Que não acontece nada de tanto brincar com fogo.  
Que venha o fogo então.

Esse ar deixou minha vista cansada,  
Nada demais.<sup>13</sup>

Em toda a letra, há uma latência do sujeito que perpassa pela sua condição de trabalho. A música começa em tom de esperança: “*Nosso dia vai chegar, Teremos nossa vez, Não é pedir demais: Quero justiça*”. Esse pedido é proveniente da inconformidade do sujeito com relação às condições que envolvem o trabalho, onde querer um “*trabalho honesto*” envolve uma teia de situações que perpassam pelas condições de trabalho dentro da fábrica, que não são pontuados pelo narrador, mais que pode ser subtendido como baixos salários, altas jornadas, ausência de uma lei trabalhista em prol do trabalhador, dentre várias outras. Logo, o trabalho honesto é uma exigência do empregado perante o seu empregador. Nesse ínterim, a relação dentro da fábrica permeia a desonestidade, sendo que não há por parte do empregado fabril um prognóstico de futuro, gerando a idéia de escravidão.

Se a realidade da condição de trabalho começa a ser refletida, o narrador inicia uma visão utópica e sonhadora, porém um alento a sua própria condição: “*Deve haver algum lugar, Onde o mais forte, Não consegue escravizar, Quem não tem chance*”. O desejo de encontrar um lugar, fora da fábrica, onde o patrão não coloque em condição de escravidão seus empregados; assume na narrativa um condição de desespero. Há nessa parte da música uma forma interessante de visão sobre a temática, pois o capitalismo é visto como um sistema que escraviza ao invés de oferecer oportunidades, para aqueles que dele dependem.

Contudo, o patrão possui uma relação de descaso com seu empregado, gerando no mesmo a pergunta “*De onde vem à indiferença, temperada a ferro e fogo?*”. Sequencialmente, o sujeito sente-se oprimido, vendo que suas reivindicações, sonhos e esperanças, esvaziam-se dentro dos “*portões da fábrica*”. Essa é vista como um espaço degradante, segregador, melancólico, sem oferecer prognóstico de um futuro descente, para os sujeitos que ali trabalham. Consequentemente, a fábrica, como espaço constituído, e com suas relações sociais alicerçadas, é um ambiente opressor, sendo o símbolo material e imagético da espoliação, exploração e separação do trabalhador de

---

<sup>13</sup> Legião Urbana. *Fábrica*. Álbum: Dois, EMI-ODEON, 1986.

uma condição de vida mais digna. Notadamente, é um espaço contrário aos anseios do sujeito, onde o ar do ambiente deixa o mesmo com a “*vista cansada*”. Pelo tom melancólico e depressivo da sua relação com a fábrica, o fato de ter sua vista cansada é mínimo, perante à tudo aquilo que o sujeito narrador passa dentro daquela.

Ao fim, a música tangencia a questão do meio ambiente, citando a poluição, e o desmatamento: “*O céu já foi azul, mas agora é cinza, E o que era verde aqui já não existe mais*”. Destarte, a narrativa traz junto de si a ideia de que a fábrica, sua produção e suas relações, não prejudicam somente aqueles que dependem diretamente da oferta de trabalho da mesma. Logo, os problemas gerados são metaforizados para fora de seus portões, afetando a sociedade como um todo.

Pelo visto, a Legião Urbana, não possuía uma visão otimista sobre o espaço acima representado. Guardada as proporções, ao criticar a cobiça, indiferença e a escravidão dentro da fábrica, à banda combate o modelo capitalista, que deteriora a relação do trabalho, a sociedade e sua condição de vida. Tal música é composta por vários elementos de ordem cultural, no qual há um alento, uma forma de resistência, para aqueles sujeitos que ouviam a banda e que passam por tal condição existencial.<sup>14</sup>

Como visto, a narrativa possui um tom direto, incisivo, sonhador e melancólico. Com relação à temática do trabalho, assim como em outros temas que podemos encontrar na obra da banda, existem músicas de caráter amplamente metafórico. Nelas, a conquista do emprego impõe aos jovens as obrigatoriedades de um adulto, causando no sujeito, problemas de ordem existencial:

Nossas meninas estão longe daqui  
Não temos com quem chorar e nem pra onde ir  
Se lembra quando era só brincadeira  
Fingir ser soldado a tarde inteira?

Mas agora a coragem que temos no coração  
Parece medo da morte mas não era então  
Tenho medo de lhe dizer o que eu quero tanto  
Tenho medo e eu sei porque: Estamos esperando.

Quem é o inimigo?  
Quem é você?

---

<sup>14</sup> Salim (2003) ao refletir sobre a condição de trabalho no Brasil dos anos 80, afirma que ocorreu uma reprodução de baixos níveis salariais, à não-cobertura da seguridade social e à falta de assistência médica. Processo, que não pode ser exclusivamente imputado ao setor informal do mercado de trabalho, pois, em direções e graus variados, também tem avançado sobre o contingente de trabalhadores registrados. Capellari (2004) ao refletir sobre os dados do IBGE, tendo como referência os anos 80, também demonstra o aumento da concentração de renda no país naqueles anos.

Nos defendemos tanto tanto sem saber  
Porque lutar.

Nossas meninas estão longe daqui  
E de repente eu vi você cair  
Não sei armar o que eu senti  
Não sei dizer que vi você ali.

Quem vai saber o que você sentiu?  
Quem vai saber o que você pensou?  
Quem vai dizer agora o que eu não fiz?  
Como explicar pra você o que eu quis

Somos soldados  
Pedindo esmola  
E a gente não queria lutar.<sup>15</sup>

A música intitulada “Soldados”, nitidamente, não apresenta como tema o soldado em seu termo real ou literal. Ela remete a algumas questões pertinentes, que vão sendo percebidas ao longo de sua análise. Nesse ínterim, podemos perceber que a letra possui um formato de caráter metafórico, no qual a aflição do sujeito é uma constante, em conjunto com a crítica e a dúvida. Há na letra, um campo em que o espaço representa um simulacro de batalha real, trazendo um indivíduo que está em luta com algo que ele desconhece. Mal sabe por que ali está. Além disso, sente que seu ato é incoerente com o pensamento “*Nos defendemos tanto tanto sem saber, Porque lutar.*” Nesse passo, o “Soldado” não possui honra e mérito, ao contrário; sente vergonha, pena de si mesmo, por estar em uma batalha, sem esperar e querer. Junto, caminha à distância com aquilo que o sujeito mais ama, supostamente no verso “*nossas meninas estão longe daqui*”. Há, além disso, um individualismo constante, podendo ser notada em “*Quem vai saber o que você sentiu? Quem vai saber o que você pensou? Quem vai dizer agora o que eu não fiz? Como explicar pra você o que eu quis?*.” Logo, nesse campo, o sujeito não encontra alguém para compartilhar seus desejos, medos e anseios, pois o tempo e espaço para o mesmo estão fragmentados e dissolvidos, trazendo dor e sofrimento de não ser reconhecido e ao mesmo tempo não poder ajudar ninguém.

Induzidos por aquilo que é trazido pela letra, podemos perceber uma clara alusão ao mercado de trabalho, no qual os jovens encontram-se em um conflito diário, perdendo em vários momentos, o sentido de sua própria vida, devido à concorrência existente dentro do sistema capitalista. A música remonta a uma espécie de individualismo,

---

<sup>15</sup> Legião Urbana. *Soldados*. ÁLBUM: Legião Urbana EMI-ODEON, 1985

sentimento latente em grande parte das letras da banda. Como afirma Bernan (1986, p. 110):

O problema do capitalismo é que aqui, como em qualquer outra parte, ele destrói as possibilidades humanas por ele criadas. Estimula, ou melhor, força o auto-desenvolvimento de todos, mas as pessoas só podem desenvolver-se de maneira restrita e distorcida. As disponibilidades, impulsos e talentos que o mercado pode aproveitar são pressionados na direção do desenvolvimento e sugados até a exaustão: tudo o mais, em nós, tudo o que não é atraente para o mercado é reprimido de maneira drástica.

Ora, tal canção representa os excluídos de um sistema opressor, onde as potencialidades dos sujeitos de menor expressão são colocadas em valor de mercadoria, não importando toda a latência psicológica vivida por aqueles. A exclusão e opressão ao sistema, contudo, não vem em tom de conformismo, mais sim em caráter de protesto, percebido pela negação do soldado em lutar dentro do campo que está inserido. Aquele representa, simbolicamente, os jovens que não conseguem ver no mercado de trabalho a potencialização de suas qualidades. O emprego e sua prática, assim como a concorrência dentro do sistema, são vistos como uma verdadeira batalha.<sup>16</sup> Logicamente, ao entrar no mercado de trabalho, esses sujeitos jovens não conseguem entender as dificuldades existentes no mesmo.

Nas duas situações acima propostas, o indivíduo sente-se oprimido dentro das imposições oriundas da sua condição de trabalho. Porém, a ausência desse, acaba sendo um obstáculo complexo a ser enfrentado por esses sujeitos jovens :

Sempre precisei de um pouco de atenção  
Acho que não sei quem sou  
Só sei do que não gosto  
E nesses dias tão estranhos  
Fica a poeira se escondendo pelos cantos.

Este é o nosso mundo  
O que é demais nunca é o bastante  
E a primeira vez é sempre a última chance.  
Ninguém vê onde chegamos:  
Os assassinos estão livres, nós não estamos

Vamos sair - mas não temos mais dinheiro  
Os meus amigos todos estão procurando emprego  
Voltamos a viver como há dez anos atrás  
E a cada hora que passa  
Envelhecemos dez semanas.

---

<sup>16</sup> Oliveira (2008) afirma que mesmo o Brasil possuindo um histórico de leis trabalhistas que abarcam os jovens, foi possível constatar que os mesmos enfrentam dificuldades ao ingressarem no mercado de trabalho. Há uma contradição envolvendo aquilo que o mercado de trabalho oferece, com as pretensões desse grupo de sujeitos.

Vamos lá, tudo bem - eu só quero me divertir  
esquecer, dessa noite ter um lugar legal pra ir  
Já entregamos o alvo e artilharia  
Comparamos nossas vidas  
E esperamos que um dia  
Nossas vidas possam se encontrar.

Quando me vi tendo de viver comigo apenas  
E com o mundo  
Você me veio como um sonho bom  
E me assustei  
Não sou perfeito  
Eu não esqueço  
A riqueza que nós temos  
Ninguém consegue perceber  
E de pensar nisso tudo, eu, homem feito  
Tive medo e não consegui dormir

Vamos sair - mas não temos mais dinheiro  
Os meus amigos todos estão procurando emprego  
Voltamos a viver como a dez anos atrás  
E a cada hora que passa  
Envelhecemos dez semanas.

Vamos lá, tudo bem - eu só quero me divertir  
Esquecer, dessa noite ter um lugar legal pra ir  
Já entregamos o alvo e artilharia  
Comparamos nossas vidas  
E mesmo assim, não tenho pena de ninguém<sup>17</sup>

A música “Teatro dos Vampiros” é emblemática em vários aspectos já abordados nesse trabalho. Primeiramente, ela mostra a diversidade cultural, bem como a erudição da banda em abordar vários temas concatenados em uma ideia principal, que seria o conflito do jovem, no início da idade adulta, enfrentando a dificuldade de se estabilizar socialmente, no qual o não reconhecimento, típico do pensamento do jovem “*A riqueza que nós temos, Ninguém consegue perceber*” é latente em toda a letra. Junto com ela, temos a fuga do cotidiano, e nessa, já encontramos um paradoxo de ordem econômica “*Vamos sair - mas não temos mais dinheiro, Os meus amigos todos estão procurando emprego*”, trazendo à tona a dificuldade financeira que esse grupo de amigos enfrenta. Ainda temos a inflexão e o resgate ao passado, no qual há múltiplas temporalidades carregadas de dificuldades e sentimentalidades.

O futuro apresenta-se velozmente, “*E a cada hora que passa envelhecemos dez semanas.*”, causando no indivíduo a proximidade mais rápida com a idade adulta, exemplificada em “*eu homem feito*”. Contudo, mesmo esse homem

---

<sup>17</sup> Legião Urbana. *Teatro dos Vampiros*. Álbum V: EMI-ODEON, 1991.

formado, ainda sente medo, a tal ponto que esse sentimento não deixa o mesmo “conseguiu dormir”. Esse medo borbulhante em toda a música perpassa pelo passado que se foi, pelo presente inconstante e pelo futuro incerto, pois na tentativa de obter reconhecimento na vida, os jovens, nesse período, dissipam seus grupos “*Quando me vi tendo de viver comigo apenas e com o mundo*”, deixando o sujeito sozinho, pois perdeu seus amigos que compartilhavam entre si seus anseios e medos, para o mundo e a estrutura do próprio capitalismo, que força o jovem a mudar de localidade, escolher um ramo de estudo ou atuação. Por fim, há uma rendição do futuro a questão da sorte, no qual ocorre uma promoção de fragmentação do sujeito, o eu - fragmentado, por não conseguir no horizonte da vida, individual e em grupo, um prognóstico favorável; entregando assim “*o alvo e a artilharia*”. Ainda, podemos notar que devido aos obstáculos vividos, o sujeito remonta ao individualismo, pois mesmo reconhecendo as dificuldades de outros sujeitos, o mesmo não possui “*pena de ninguém*”.

Esse quadro caótico de ascensão de jovens a idade adulta, os elementos e rupturas geracionais, os conflitos diários, a dificuldade financeira, a fuga do cotidiano, dentre outras elencadas, promovem nos indivíduos a formação de um teatro, onde não são os atores principais, sendo os “vampiros”, possivelmente fazendo alusão ao capitalista, ou ao mundo capitalista, que simbolicamente, retiram a energia e força de viver do grupo e em grupo, em detrimento dos padrões impostos pela modernidade. Essa e seus tentáculos, pela narrativa, dificultam, aniquilam, fragmentam a relação do jovem com seu grupo. “Quando um jovem não consuma essas relações íntimas com os outros, no final da adolescência ou início da idade adulta ele pode procurar relações interpessoais sumamente estereotipadas e acaba retendo um profundo sentimento de isolamento”. (ERIKSON, 1987, p.136)

As três músicas trabalhadas acima, fazem uma alusão do jovem em relação ao mundo do trabalho. Nelas, podemos notar o fatalismo existente, no qual o trabalho capitalista não é visto de forma positiva, satisfatória e agregadora. Ao contrário, o descaso com essas juventudes essencialmente urbanas, que a banda procurou representar, não encontra, pelo menos na maioria das narrativas, nenhum tipo de escapismo a essa situação. No entanto, apesar de todos os problemas e obstáculos representados nas letras, com relação ao tema que abarca esse artigo, há ainda espaço para resistência:

Sem trabalho eu não sou nada  
Não tenho dignidade  
Não sinto o meu valor  
Não tenho identidade

Mas o que eu tenho  
É só um emprego  
E um salário miserável  
Eu tenho o meu ofício  
Que me cansa de verdade

(..)

E quando chega o fim do dia  
Eu só penso em descansar  
E voltar pra casa pros teus braços

Quem sabe esquecer um pouco  
De todo o meu cansaço  
Nossa vida não é boa  
E nem podemos reclamar.<sup>18</sup>

O valor do trabalho é reconhecido na narrativa, sendo o grande elo que liga a ideia de vida com dignidade e identidade. Apesar do reconhecimento das dificuldades da prática no âmbito do trabalho: “*Mas o que eu tenho, É só um emprego, E um salário miserável, Eu tenho o meu ofício, Que me cansa de verdade*”, o sujeito encontra um alento, uma forma de resistência a seu cotidiano opressor: “*E quando chega o fim do dia, Eu só penso em descansar, E voltar pra casa pros teus braços*”. Há um escapismo da realidade, em uma simples prática de pensar em alguém, e ter o mesmo em seus braços ao final de um dia fatigante. Apesar dos problemas envolvendo seu cotidiano, há na música uma forma de resistência, fazendo com que o sujeito considere a vida um paradoxo aceitável: “*nossa vida não é boa, e nem podemos reclamar*”.<sup>19</sup>

### 3. Conclusões

Após passarmos pela análise de quatro músicas, podemos pensar com a banda abarca a questão do mundo do trabalho e sua relação com a juventude: o mesmo é visto em sua maioria, de uma forma pessimista, fatalista, sendo um elemento que não agrega valores. Aparentemente, a opressão do sistema capitalista e latente àqueles que já possuem um emprego, seja no caso de “Fábrica” ou em “Soldados”. Para os sujeitos

---

<sup>18</sup> Legião Urbana. *Música de Trabalho*. Álbum: A tempestade ou o livro dos dias. EMI-ODEON, 1996.

<sup>19</sup> Mesmo havendo na música um ímpeto de revolta envolvendo o narrador: “*Se você não segue ordens, Se você não obedece, e não suporta o sofrimento, está destinado à miséria*”, o mesmo, ao final das contas, sente-se feliz por ter alguém para compartilhar toda aflição advinda das dificuldades diária do ofício exercido.

jovens que procuram uma oportunidade no mercado, a sociedade burguesa associada a “Vampiros” inibe todas as potencialidades de um determinado grupo representado na música. Uma das poucas fontes que destacam um alento ao trabalho árduo e todas suas implicações a nível social, aparece em “Música de Trabalho”, mesmo que na narrativa o sujeito acabe reconhecendo que sua vida não é digna devido a sua condição.

Por conseguinte, o mundo do trabalho é abordado com grande propriedade pela banda, independente da classe social da qual emergiu, ou das formas de aceção de alguns intelectuais. Em músicas com essa perspectiva, podemos notar como o meio cultural do trabalho é árduo, complexo, não atrativo e acima de tudo, alienante. Ao abordamos essa temática, podemos trazer um rápido diálogo na tríade elencada no começo dessa proposta.

Apesar de ficarmos restritos a análise das músicas, procurando situá-las em seu contexto histórico, notamos que há um convite à resistência que emana das letras, portando da banda, para o seu público alvo. Destarte, a Legião Urbana procurou abordar o cotidiano, em forma de música, interpretando a questão do trabalho, bem como outras temáticas que afetam diretamente a vida dos sujeitos históricos daquele período, chegando até a atualidade.

A música, apesar de ser circunscrita como um dos grandes feitos do mercado fonográfico possui sua beleza e representação bem antes do surgimento daquele. Levá-lo em consideração é notório, ainda mais ao refletirmos sobre o rock dos anos 80, mais não podemos simplesmente abaixar o som, deixando o mérito da explosão de uma enormidade de bandas, somente devido ao trabalho de produtores e gravadoras. Uma composição musical é um elemento cultural muito maior que os citados: ela surge espontaneamente, em notas, sons, ruídos, palavras. Pode surgir por acaso, mais sempre reflete o social, estando presente no cotidiano de todos nós.<sup>20</sup> Não por acaso, a banda procurou abordar a questão do trabalho na juventude.

Com relação especificamente a Legião Urbana, temos que levar em consideração que a música produzida pela mesma movimentou gerações ao longo da história. Biografias são fundamentais, trazem com detalhes a história de seus integrantes, os donos de gravadoras, produtores, fotógrafos, dentre outros. Contudo, não existe banda sem

---

<sup>20</sup> Canclini ( 2000, p.206) “questiona a idéia de que até que medida, no consumo, os destinatários, espectadores são obrigados a reproduzir o capital e a ideologia dos dominadores”.

música. Essa ajuda a construir uma determinada subjetividade e resistência para aqueles que ouvem. Os solos de guitarra incisivos, junto com a letra cantada, foram e ainda hoje são uma forma de resistência.

Eis uma das missões da história social e dos historiadores que desejam trabalhar com esse tipo de fonte: realizar uma discussão maior, profunda, com debate teórico sobre música e a indústria fonográfica. Como consequência, se não ficarmos atentos, a subjetividade das canções pode ser um elemento de distensão ao invés de conurbar teoria e prática.

Por fim, talvez haja uma necessidade inerente de ocorrer uma “inflexão do olhar”<sup>21</sup> especificamente com alguns trabalhos que surgem com relação ao rock dos anos 80, bem como da Legião Urbana. Além das conclusões que podemos extrair com relação ao mundo do trabalho expresso em algumas canções, chamamos a atenção para não realizarmos uma análise das músicas da banda, tendo como prisma o elitismo. A banda não é classista, como consequência, não representa somente sua classe. Ela possui uma preocupação exacerbada com o social, trazendo para a discussão temas que afetam a população, e em alguns momentos, não diretamente a ela. Somado a isso, não há como fazer uma história da música, sem entender o que essa quer representar ou deixar de mensagem. Logo se uma música possui grande ressonância não é mérito somente da indústria cultural; a banda e o público são elementos indissociáveis para a propagação dos sons, melodias e letras, onde a gênese das idéias perpassa pelo campo da cultura.

Essa é a propriedade cultural dos sons produzidos: os sujeitos que constituem a banda e aqueles que consomem a música constroem suas formas de resistência, aos dilemas do cotidiano, em formato de música: “Eu acho que uma das funções da música é fazer você interagir consigo mesmo e rever sua história e suas coisas”.(RUSSO, 1995)<sup>22</sup>

## Referências

ALVES, Luciano Carneiro. *Flores no Deserto: A legião Urbana em seu tempo*. Dissertação de Mestrado em História. Minas Gerais: UFU, 2002.

---

<sup>21</sup> Como pontua Fenelón, Cruz e Peixoto (2004, p. 9) ao se propor um novo tipo de fazer histórico, é necessário uma busca por vencer resistências, valorizando os sujeitos históricos.

<sup>22</sup> Op.cit. (2000, p.173-174)

ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta: O Rock e o Brasil dos anos 80*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.

ASSAD, Simone. *Renato Russo de A a Z: as idéias do líder da Legião Urbana*. Campo Grande: Letra Livre, 2000.

BAJOIT, Guy; FRANSEEN, Abraham. *O trabalho, busca de sentido*. Tradução de Denice Barbara Catani. Revista Brasileira de Educação. nº5, 1997.

BERNAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo. Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. *Movimentos Culturais na Juventude*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

BRANDINI, Valéria. *Cenários do Rock: Mercado, produção e tendências no Brasil*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. *História e música: tecendo memórias, compondo identidades*. Brasília: Textos de História, volume 15, nº1/2, 2007

CANCLINI, Nestor Garcia. *Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2000.

CAPELARI, Clayton Pedro: *Brasil - Concentração de renda: indicadores sociais e política econômica dos anos 80*. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. São Paulo: PUC, 2004.

DAPIEVE, Artur. *Renato Russo: o trovador solitário*. Rio de Janeiro: Relume, Dumará, 2000.

\_\_\_\_\_. *Brock: O rock brasileiro nos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. *"Brasil mostra a tua cara": rock nacional, mídia e redemocratização política (1982-1989)*. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2009.

ERICKSON, Erick. *Identidade: juventude em crise*. Rio de Janeiro: Edições Guanabara, 1987.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. *Muitas Memórias, outras histórias*. In Fenelon Maciel Lima Antunes; Almeida, Paulo Roberto; Khoury, Yara.(org.) *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2004.

HALL, Stuart. *Notas sobre a desconstrução do popular*. In: Sovik Liv.(org). *Das diásporas: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

IANNI, Octávio. *O mundo do trabalho*. São Paulo em perspectiva, 8(1): 2-12, janeiro/março 1994.

\_\_\_\_\_. *Teorias sobre a globalização*. RJ: Civilização Brasileira, 1998

MATOS, Maria Izilda Santos de. *A cidade, a noite e o cronista*: São Paulo de Adoniran Barbosa. XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP, São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008

MENDONÇA, Sonia Regina; FONTES, Virgínia. *História do Brasil recente: 1964-1992*. São Paulo: Ática, 2004.

OLIVEIRA, Tiago Lopes de. *A situação atual do trabalho juvenil: a juventude e as exigências sociais para o seu ingresso no mercado de trabalho*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: PUC, 2008.

RAMOS, Eliana Batista. *Rock dos anos 80: A construção de uma alternativa de contestação juvenil*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 2010.

RODRIGUES, Marly. *A década de 80*. Brasil: quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1992.

SALIM, Celso Amorim. *Doenças no trabalho: exclusão, segregação e relações de gênero*. São Paulo em Perspectiva. Volume 17, nº1, Janeiro a Março de 2003.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Educ, 2000;

### **Músicas**

Legião Urbana. *Fábrica*. Álbum: Dois, EMI-ODEON, 1986.

Legião Urbana. *Soldados*. ÁLBUM: Legião Urbana EMI-ODEON, 1985

Legião Urbana. *Teatro dos Vampiros*. Álbum V: EMI-ODEON, 1991.

Legião Urbana. *Música de Trabalho*. Álbum: A tempestade ou o livro dos dias. EMI-ODEON, 1996.